



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com membros do Conselho Nacional do Turismo

Palácio do Planalto, 11 de março de 2004

Faz algum tempo que o nosso ministro Walfrido Mares Guia insiste para que eu tenha uma pequena conversa com o Conselho.

Quando nós criamos o Conselho, eu penso que vocês compreenderam perfeitamente bem que o Governo deseja aprender. Porque um dos erros que um Governo comete – e já cometemos muitos, na História deste país, ao longo de tantos e tantos anos – se dá quando alguém, investido no cargo de autoridade, pensa que não precisa mais ouvir as pessoas, pensa que sabe tudo e começa a fazer as coisas sem as consultas necessárias, sem ouvir aqueles que, direta ou indiretamente, participam da atividade que o Conselho representa.

E o turismo – eu já disse isso numa oportunidade, a vocês – é uma das áreas da economia brasileira em que as pessoas, ao longo dos anos, mais vendem facilidades. Ao longo dos anos que acompanho a política brasileira, não tem nenhum dirigente político, nenhum dirigente de Governo, ou nenhum ministro que não diga que o turismo é a nova fonte de enriquecimento da Nação, de geração de riqueza e, portanto, de geração de empregos e distribuição de renda.

Esse é um discurso que, ao longo desses últimos 20 ou 30 anos nós temos ouvido, sempre que possível. E o discurso sempre contrariou a prática, porque o primeiro exemplo que nós demos disso é que, se fosse verdadeira a idéia de que o turismo era tão imprescindível assim, nós já teríamos criado o Ministério do Turismo há muitos anos, no Brasil, para cuidar especificamente do turismo, sem mexer com outras coisas.

E o turismo, fica fácil teoricamente e difícil na prática. Teoricamente é



fácil porque nós podemos nos basear na nossa própria vida, na nossa própria vontade de saber o comportamento de um turista. Muitos de vocês, que trabalham com turismo, um dia já tiveram vontade de pegar a família e sair para passear, já ficaram mapeando preços de passagem, onde é mais fácil, se é para ir a Miami ou a Manaus; já ficaram olhando preço de passagem para saber se era mais fácil ir até a Europa, passar um final de semana, ou um mês, ou umas férias inteiras, ou ir ao Rio Madeira ver se pegava um bom peixe com a mão; já procuraram saber quais são as condições dos apartamentos, quais as condições de segurança, se tem mosquito de malária, se não tem, se tem mosquito da dengue.

Ou seja, todos vocês pensam nisso, quando querem viajar. Só não pensam em arrumar o pneu do carro, de fazer manutenção no carro. Mas, no resto, pensa-se em tudo.

E o ser humano normal, o comum, que não está ligado, não pensa diferente de vocês. Toda vez que ele quer fazer uma viagem, ele analisa preços, hotéis, condições, comida, cultura da região que ele vai visitar. E, aí, ele faz a sua viagem. Isso é muito fácil de pensar e muito fácil de transformar essa coisa, que parece simples, em coisas concretas e objetivas, dentro de um país da extensão do Brasil, com os problemas do Brasil.

Nós, possivelmente, sejamos um dos países que tenha uma das maiores diversidades de coisas para um turista ver. Nós temos desde museus, nas grandes regiões metropolitanas; grandes orquestras sinfônicas, em algumas das principais cidades brasileiras; até mata virgem, como nenhum outro país tem; até rios, como nenhum outro país tem.

Agora, para que a gente fomente esse turismo, as condições têm que ser dadas, tanto de investimentos da parte do Governo, quanto da parte dos empresários, assim como uma boa política de divulgação.

Se tem uma coisa que ninguém faz, no turismo, é ir a um lugar desconhecido. O cidadão, às vezes, até comete equívoco, porque a fotografia é



bem feita, porque o SEBRAE faz uma propaganda razoável de algumas regiões do país. E, muitas vezes, as pessoas vão e não gostam de ter ido lá, porque não era aquilo que imaginavam.

Mas a verdade é que sem propaganda, sem divulgação, a gente não consegue fazer absolutamente nada. Não basta dizer da beleza das coisas brasileiras se você não mostrá-la, tanto ao povo brasileiro como aos estrangeiros.

Eu, por exemplo, como nacionalista que sou, nunca consegui imaginar como é que uma família pega todas as suas crianças para levar para Miami, e não leva essas crianças para conhecer uma boa parte do território nacional, que tem coisas exuberantes para as pessoas conhecerem.

Nós tivemos a sorte de ter Walfrido no ministério. E eu sei que nós estamos engatinhando, a verdade é que nós estamos ainda engatinhando nessa área, para alcançarmos aquilo que é o nosso objetivo. Não vou nem falar na quantidade de milhões de turistas que o Walfrido fala. Mas para que tenhamos uma quantidade de turistas de fora e de dentro visitando nosso país, na proporção da grandeza do nosso país, é preciso muito trabalho. É preciso muito trabalho em infra-estrutura.

Vocês, que viajam o Brasil, estão percebendo a quantidade de aeroportos que estão passando por profundas reformas. Em quase todas as cidades importantes do Brasil os aeroportos estão sendo reformulados. Porque, mesmo para ir a uma cidade grande, seja Rio de Janeiro ou São Paulo, se a pessoa tiver que esperar duas ou três horas a sua mala ao desembarcar, ela vai preferir sentar à frente da televisão, alugar um filme qualquer e ficar vendo, porque a pessoa fica desesperada. Então, criar as condições para que os brasileiros e os estrangeiros transitem com facilidade é da obrigação do Estado brasileiro. Estamos fazendo parte daquilo que são os compromissos que nós assumimos, em tão pouco tempo.



Estamos, agora, com um trabalho imenso pensando na recuperação das ferrovias brasileiras. E eu disse, hoje, no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, que houve um tempo em que a gente tinha uma fábrica enorme de produzir locomotivas e não teve uma encomenda. E agora, que nós temos centenas de encomendas de locomotivas não temos mais a fábrica para produzir. No Brasil, hoje, nós não estamos fazendo nem trilho mais. Vamos ter que importar ou vamos ter que apostar que alguém invista, até com o financiamento do BNDES, numa fábrica para construir trilhos, outra vez. Para construir vagões, nós temos fábricas aqui, mas a sua capacidade total não atende à demanda.

E nós precisamos entender que uma grande parte dos turistas, pelo menos na minha concepção, se pudesse, andava menos de avião e mais de trem. Pegar uma viagem num trem confortável, de duas, três, quatro horas é infinitamente mais saudável do que ficar três horas no aeroporto esperando o voo que atrasou, ou o voo que vai deixar de existir. Isso nós também estamos fazendo, uma das coisas em que nós vamos apostar é na recuperação das nossas ferrovias, para que possamos fazer uma combinação entre o transporte de carga e o transporte de turismo. Porque, hoje, o privilégio é a carga e o turismo está tratado de forma muito secundária.

Além disso, precisamos criar infra-estrutura. O Governo não precisa fazer hotéis, privatizar ou estatizar como fez no passado, mas pode induzir, com políticas públicas, a construção de pousadas, de hotéis, de restaurantes em lugares em que têm aptidão para o turismo. Eu fico pensando naquelas famosas cavernas que têm no Vale do Ribeira, em São Paulo, e em quantas vezes a gente tem vontade de ir ver – a mais famosa, pública, é a Caverna do Diabo – e não vai porque não tem estrada, nem condições de almoçar, jantar ou dormir. Então, a gente fica em casa.

Eu estou dando esses exemplos para mostrar que nós vamos nos reunir pelo menos uma vez por ano, e vamos ter que medir, anualmente, o que está



avançando, o que aconteceu, para que possamos ter, no final de quatro anos de mandato, uma comparação entre aquilo que começou quando nós criamos o Ministério, especificamente para cuidar do turismo, e aquilo que era antes.

Eu não tenho dúvida nenhuma que nós temos uma chance enorme de fazer duas vezes mais do que se fazia, no Brasil. Eu acho que nós ainda estamos pobres de divulgação do Brasil no exterior. O que aparece muito lá fora ainda são as coisas que são realistas, que acontecem, mas não é só isso que o Brasil tem.

Eu fico imaginando um brasileiro qualquer, que assista um programa de televisão e veja noticiário sobre a violência no Rio de Janeiro; ele, certamente, terá medo de viajar para o Rio de Janeiro, quando, na verdade, aquilo é apenas um lado; o outro lado é que o Rio é muito bonito, tem hotéis bonitos, restaurantes bonitos, um povo agradabilíssimo, tem belos bares, belos restaurantes, belos shoppings. Não posso falar tudo o que tem de belo, porque a imprensa está ali e poderão pegar como malícia. Mas a verdade é essa: tem coisas que acontecem, que são desagradáveis, mas a maioria das coisas são agradáveis. E, muitas vezes, isso fica no segundo plano.

Eu tenho conversado com algumas pessoas, e ainda ontem eu conversava com a minha mulher, depois de ver vários noticiários, sobre o fato de que a quantidade de coisas ruins, mostradas, são infinitamente maiores do que as coisas boas que estão acontecendo no Brasil, e que precisariam apenas do mesmo espaço. Em várias áreas. Não precisaria mostrar nem mais e nem menos. Eu acho que as pessoas pensam que as coisas boas têm obrigação de acontecer, e as ruins não, então dão mais destaque nas ruins.

Mas no Brasil tem muita coisa extraordinária acontecendo, coisas que o Governo nem sabe, mas que a sociedade está fazendo acontecer, e muitas vezes a gente não fica sabendo porque não há a divulgação correta e necessária. O velho Chacrinha já dizia, antigamente: “Quem não se comunica se trumbica”.



Eu acho que nós precisamos, meu caro Ministro, apostar numa grande política de comunicação. Primeiro, fazer os brasileiros conhecerem o Brasil. Os brasileiros têm que conhecer que o Brasil tem lugares extraordinários. Quando vejo alguém da América do Sul dizer: “Eu fui a Niágara fazer um passeio, para ver as cataratas”, aquilo parece muito pouco, diante de Foz do Iguaçu, muito pouco.

Entretanto, numa viagens dessas, internacionais, que eu fiz, várias pessoas levaram livros para dar de presente, sobre os estados brasileiros. Tinha um livro sobre o estado do Paraná e eu, então, disse ao presidente do país que eu estava visitando: “Eu vou lhe mostrar, aqui, o que é a queda d’água mais extraordinária do mundo”. E não tinha. Tinha fotografia de cobra, de borboleta, de morro, mas não tinha as Cataratas do Iguaçu, eu não pude mostrar. Viaja-se o mundo, passa-se um mês num hotel, e não se vê absolutamente nada sobre o Brasil. Absolutamente nada.

Nós pensamos, um tempo desses, em fazer uma discussão sobre um canal de televisão a cabo que tivesse alcance internacional. Isso não é uma coisa fácil, porque custa dinheiro. Mas esses dias, por acaso, num almoço com o Primeiro-Ministro de Portugal, sabedor que Portugal tem uma TV a cabo que atinge toda a Europa, toda a África, a América Latina e o Brasil, eu perguntei a ele se a relação Brasil e Portugal é tão extraordinária, porque que a gente não fazia também uma integração, uma política conjunta de utilização da TV a cabo, que é estatal de Portugal. E ele, simplesmente, concordou. Agora, estamos com pessoas nossas e deles discutindo um projeto para, no próximo encontro, discutirmos a utilização de um canal que já está pronto, que já existe, numa participação nossa, conjunta. Nós temos programação, temos a TV Educativa, temos a TV Cultura, poderemos fazer propaganda de turismo, ou seja, são coisas que nós temos que fazer acontecer, que precisam de dinheiro, mas eu acho que precisam menos de dinheiro e mais de criatividade, de mais vontade e mais disposição política para acontecerem.



Eu vi, esses dias, a Dayane ganhar a sua terceira medalha de ouro. E eu fico imaginando se não fosse a vontade política de uma menina daquele tamanho e ainda negra, num país de terceiro mundo, se ela chegaria onde chegou se não acreditasse nela mesma e não se dedicasse para fazer treinamentos de domingo a domingo, perdendo horas de namoro, horas de um monte de coisas que é mais fácil a gente fazer. Eu acho que em toda atividade nossa é essa determinação que faz com que as coisas aconteçam.

Eu penso que no turismo nós estamos no caminho certo. Primeiro, porque temos um país com um potencial extraordinário, ou seja, muito antes de nós nascermos, alguém – pois eu acredito no ser superior – fez as coisas bonitas que, possivelmente, as empreiteiras brasileiras não teriam condições de fazer hoje. Mas, de qualquer forma, nós poderemos aperfeiçoar aquilo que a natureza nos deu de presente, criando as condições de conforto para que as pessoas possam utilizar aquilo com a maior competência e a maior facilidade possível.

A terceira coisa, é que nós precisamos fazer com que os empresários do turismo sintam prazer em fazer o que estão fazendo. E aí a combinação entre vocês e o Ministério do Turismo tem que ser total, uma combinação muito verdadeira, onde vocês poderão dizer o que pensam. Não tem nada pior na relação humano do que você participar de uma reunião, voltar para casa engasgado porque achou que não era politicamente correto cobrar determinadas coisas de alguém que estava ao seu lado. Eu acho que nós temos consciência de que não sabemos tudo. Nós temos consciência que vocês são mais especialistas em turismo do que qualquer membro do Governo. Nós temos consciência que vocês vivem, na prática, aquilo que, muitas vezes, o Governo teoriza e, portanto, têm muito mais a nos ensinar do que a aprender. E o que nós poderemos dar de contribuições, além das políticas públicas para facilitar a questão do turismo, é a gente criar as condições de sermos os indutores da maior política de turismo que esse país já teve.



Eu estou dizendo tudo isso para falar sobre uma coisa que vocês não tiveram – pensei que você ia falar, você não falou – que é o seguinte: eu sei que os empresários do turismo estão meio chateados, porque na reforma Tributária o Cofins pegou o setor. Deixa eu dizer uma coisa para vocês: não há coisa que um governo faça que, se ele descobre que ao invés de estar ajudando está atrapalhando, ele não tenha condições de mudar. Eu tenho. Eu não quero, não posso e não devo fazer promessas que depois eu não possa cumprir.

O meu conselho é que vocês, junto com o ministro Walfrido, coloquem no papel todos os estudos que vocês têm do prejuízo que isso possa estar causando ao setor. Eu me comprometo a marcar uma conversa entre vocês e o ministro Palocci, porque se tiver alguma coisa danosa nós não teremos nenhum problema em rediscutir e mensurar diferentemente aquilo que está colocado na lei. Nós temos claro que o nosso papel no Governo é contribuir para que as coisas funcionem, é de criar as facilidades para que funcionem cada vez melhor. E muitas vezes, no afã de fazermos as coisas mais perfeitas possíveis, poderemos cometer equívocos, poderemos cometer erros e precisamos ter a humildade de, se detectarmos o erro, não termos porque não reconhecer e não mudar. Não cabe, para alguém que tem um mandato de apenas quatro anos, ter a arrogância de um imperador. Nós temos que ter a consciência que, ao sairmos do Governo, não queremos ter quarto de hotel de graça, não queremos passagem de avião facilitada, o que nós queremos é poder encontrar com vocês, em qualquer lugar deste país, e nos tratarmos como companheiros. Eu acho que é isso que vale para alguém que está no Governo e tem consciência que o mandato de um Governo é muito temporário. E que o trabalho que vocês estão fazendo e o que nós conseguirmos construir para o turismo brasileiro poderá ser definitivo para o nosso país.

Portanto, quando vocês tiverem que reclamar, por favor, utilizem o Walfrido para reclamar, com a força que vocês quiserem reclamar, para que



possamos consertar. Eu digo sempre: nenhum Governo vai bem se todas as pessoas que encostarem perto do Presidente acharem que está tudo bem. Nenhum Governo vai bem se as pessoas que encostarem perto do Ministro só ficarem badalando o Ministro.

Todo ser humano tem um componente de ego do tamanho do seu corpo, alguns têm o ego maior, e muitas vezes as pessoas acreditam em todos os elogios que são feitos. E muitas vezes uma verdade, que não é um elogio, torna quem fez a crítica um inimigo do outro. No nosso Governo não é assim. Ou seja, nós temos que aprender a gostar da crítica, tanto quanto gostamos de elogios. Nós temos que aprender a gostar das vaias, tanto quanto gostamos dos aplausos. Um homem público e uma pessoa que não tem pretensões pessoais de ser imperador tem que entender com muita humildade que o Brasil é muito maior do que ele e que a política de turismo que nós queremos fazer para este país não é para o nosso Governo, é para o nosso país e para o nosso povo.

Muito obrigado e boa sorte.

/mcpro/vpm